

## Solo de um gato preto em clarinetas de neve: autobiografias de Érico Veríssimo em ponto e contraponto

Eva Paulino Bueno\*

No início do segundo volume de suas memórias, *Solo de clarineta*, Érico Veríssimo relata suas angústias e incertezas antes de começar a escrever *O arquipélago*, a última parte da trilogia *O tempo e o vento*. Como parece ser comum a todo escritor em alguns momentos da vida, Veríssimo se vê “bloqueado” e busca apoio em um objeto, “uma máquina de escrever portátil dum vermelho da China (sem a menor alusão política, creiam-me)” (VERÍSSIMO, 1976, p. 6). E temos que crer mesmo, porque a cor aqui parece ser somente um detalhe do exótico. E um detalhe importante sobre esta máquina de escrever: ele esclarece que a havia comprado em Washington DC.

Mas, apesar desta máquina que parece ser uma metáfora apontando em tantas direções possivelmente políticas, ela não consegue ajudá-lo a sair do bloqueio e, ao invés de começar a escrever, Veríssimo começou “a fazer desenhos com lápis de massa de várias cores, a atenção longe [do tempo do



romance que devia começar a escrever]” (Idem). O que o escritor passa a desenhar — primeiro uma série de chapéus, depois umas caras morenas, e, afinal, uma igreja — leva-o a concluir que o desenho é sobre o México. Ele comenta: “senti então uma vontade irresistível de escrever minhas impressões de viagem à terra de Orozco, Riveira, Siqueiros e Juan Rulfo” (Id., p. 7). O primeiro problema, no entanto, é que até aquele ponto ele tinha estado

naquele país somente três vezes. A primeira, uma única noite na Cidade do México, a segunda, uma semana, e na terceira viagem passou um mês viajando pelo país (Idem). Mesmo reconhecendo o que ele chama de ignorância sobre o México, Veríssimo inicialmente se diz “identificado” com aquele país. Em seguida ele descarta “identificado” e sugere outra relação, “melhor seria dizer que não conhecia o México, mas amava-o. Não era a mesma coisa? Claro que era! O amor, como a arte, é uma das mais legítimas formas de conhecimento” (Idem).

De fato, se aceitarmos esta formulação sobre o amor como legítima forma de conhecimento, podemos também dizer

que Veríssimo teve em sua viagem de três meses aos Estados Unidos em 1941, um dos maiores casos de amor da sua vida. Como esclarece em sua autobiografia *Solo de clarineta* (publicado depois de sua morte), ele voltou ao país muitas vezes, especialmente depois que sua filha Clarissa se casou com um americano e foi viver nos Estados Unidos. Mas este amor do escritor pelos Estados Unidos não foi “monógamo”: Veríssimo amava todos os países, desde que pudesse ir visitá-los. Esta paixão por viagens, que em sua autobiografia ele chama de “o demônio das viagens”, sempre o acompanhou. Ele de fato conseguiu — coisa até hoje relativamente rara para qualquer brasileiro não conectado com o serviço diplomático ou com herança pessoal — visitar muitíssimos países, sempre desfrutando do bom e do melhor.

Este “amor” pelos outros países nos interessa especialmente porque a temática do escritor Érico Veríssimo está fincada no solo do Rio Grande do Sul (exceto no caso do romance *O senhor embaixador*). É interessante indagar se estas viagens ao exterior serviram não somente como uma maneira de acalmar este demônio pessoal, mas também como uma maneira de reconstruir, fora do Brasil, um tipo de Brasil que não só estava de acordo com o tipo de literatura que ele produziu, mas também, principalmente, com o Brasil que ele viveu, sem interferências incômodas de elementos que não se enquadravam nos seus planos e no seu projeto. Um outro episódio de viagem serve para exemplificar este ponto.

Em *Solo de clarineta*, Veríssimo relata uma viagem que fez à Grécia com sua mulher Mafalda (que parece que o acompanhou a todas as viagens, menos

à de três meses que ele fez aos Estados Unidos, em 1941). Neste episódio, o escritor se vê parte de um tumulto nas ruas de Atenas. À saída de um cinema, ele e a esposa sentem os olhos lacrimejantes e vêem que a polícia está atirando bombas de gás lacrimogêneo e acoassando um grupo de estudantes que se defendem a pedradas. “Tratamos de nos safar”, diz ele (Id., p. 49). Depois de passar por ruas tortuosas ele consegue convencer o dono de uma casa de ferragens a usar o telefone e ligar para a casa do embaixador do Brasil, a quem diz, “Embaixador, tenho a honra de requerer asilo político à embaixada do Brasil.” O embaixador os havia convidado para jantar, e eles não tinham aceito, alegando cansaço, o que o embaixador lhe lembra durante esta conversa telefônica. Mas Veríssimo, apesar de ter sido pego em flagrante em uma mentira, insiste, “O Governo Brasileiro nos concede asilo ou não?” (Id., p. 50). Naturalmente, o Governo Brasileiro deu asilo aos Veríssimos, que tiveram que chegar à embaixada em um táxi. E, como um uma boa piada ou novela, Veríssimo relata como chegaram ao “asilo”: “Fomos recebidos com vaias cordiais. Mendes Vianna emprestou-me um de seus pijamas, que não posso afirmar que me tenha assentado como uma luva, pois meu anfitrião tinha exatamente o dobro do meu peso” (Id., 50-51). E o que aconteceu nas ruas de Atenas? Lhe importou? Tirou o sono? Obviamente não. Somente no outro dia ele fica sabendo que o saldo dos choques da véspera, em contar os edifícios danificados, fora de quase duzentos feridos, entre estudantes, populares e policiais” (51).

Esta passagem é interessante se olhada de vários pontos. Um deles é obviamente a sorte do casal Érico e Mafalda, estrangeiros inocentes, que

primeiro escaparam de serem feridos na confusão, depois conseguiram convencer o dono da casa de ferragens, que não falava nenhuma das línguas que o escritor falava, de que ele precisava usar o telefone. A sorte seguinte foi de achar o embaixador em casa, e, finalmente, de conseguir um táxi num momento de grande tumulto em Atenas. Mas outro ponto interessante é o fato de que, no momento do apuro, Veríssimo pediu socorro — e conseguiu — da Embaixada Brasileira. Por que ele não foi de volta ao hotel? Por que pedir — num tom de quase brincadeira — “asilo político”? Não fica claro, pelas referências temporais do livro, em que ano este episódio ocorreu, mas tudo indica que, mesmo que o embaixador do Brasil na Grécia naquele momento fosse um enviado da ditadura militar que estaria fazendo com os jovens brasileiros o mesmo ou pior que a polícia grega estava fazendo nas ruas de Atenas, ainda assim Veríssimo teria pedido socorro a ele.

E aí chegamos a outra faceta interessante deste episódio: por que são os Veríssimos recebidos com “vaias cordiais”? Parece que eles ficam na posição de “garotos travessos” que são recebidos pelos primos/pais/parentes depois de uma traquinagem excitante. E este é exatamente o tom, já que Veríssimo tem que emprestar um pijama do embaixador e até se dá a liberdade de comentar sobre o corpo dele (“meu anfitrião tinha exatamente o dobro do meu peso”). Não é de estranhar, portanto, que sua reação não seja mais do que distraída curiosidade quando lê nos jornais que o tumulto da véspera causou tantos feridos. Esta parte do capítulo sobre a Grécia — intitulada habilmente “sol e mel” — termina com os Veríssimos embarcando, no mesmo dia, “no iate que nos levaria, através do Egeu, com paradas em Creta, Rodes,

Delos, Míconos e Éfeso, até Istambul. A excursão duraria sete dias e sete noites” (Id., p. 51). E arremata, em verdadeira moda Veríssima, “Descobri que, em matéria de recursos médicos, não existia a bordo nem sequer um veterinário” (Idem).

A incongruência aqui é entre a viagem “por iate” e a ausência de atendimento médico a Veríssimo. Se este iate, como de resto todas as acomodações que ele sempre usou em todas as viagens, era de primeira classe, é natural sua indignação pelo fato de não ter um médico, de preferência à disposição dele. Não era essa a maneira a que ele estava acostumado? Vejamos, para comparação entre a ausência de atendimento no iate e o que lhe foi proporcionado em outra ocasião. A lista de médicos que o atendeu, em sua casa, quando ele teve um infarte em Porto Alegre incluía Dr. Faraco, Dr. Décio, Dr. Achutti, Dr. Nedel, Dr. Zelmanovitz, Dr. Grossman, Dr. Zaducliver, Dr. Praequer e Dr. Franklin Veríssimo, sem contar a enfermeira que vinha todos os dias e a quem ele rebatizou de Deborah Kerr. E, naturalmente, durante a convalescença a casa dos Veríssimos parece haver se tornado um centro de romaria de parentes, amigos, e jornalistas. Em suma, ele era festejado, paparicado, mimado.

Devemos recordar que Veríssimo era um homem importante quando sofreu o ataque no coração e quase embarcou na sua última viagem. Mas, escritor engajado que ele se dizia ser, não fez sequer um comentário de leve sobre a ironia de ver todos aqueles médicos debruçados sobre sua cama quando, no Brasil da época, crianças e adultos morriam nas infames filas do INPS, esperando atendimento. Da mesma forma, ele não fez sequer uma menção

de passagem sobre os duzentos feridos em Atenas durante os tumultos de rua que ele presenciou. O que ele queria, tanto na ocasião do ataque cardíaco como das manifestações populares em Atenas, era safar-se da melhor maneira possível, buscando os melhores médicos ou asilo numa embaixada brasileira povoada de gordos diplomatas ou outros amigos que o acolhem com uma “vaia cordial” quando ele volta da “travessura”. E o povo? Que coma bolo, ora! Ele não tinha nada a ver com ele.

A julgar por seus relatos de viagem — tanto *Solo de clarineta* como *Gato preto em campo de neve* — Érico Veríssimo não entrava em contacto com ninguém que não pertencesse ao seu círculo social, que, como nos alerta Flávio Loureiro Chaves, é nitidamente situado no universo senhorial. Não é de se admirar, portanto, que as obras mais bem acabadas de Érico Veríssimo são aquelas que recuperam um passado mítico-histórico-épico do Rio Grande do Sul e, como outras obras regionalistas dos anos 1930, com as quais a obra de Veríssimo está relacionada,

sob o pretexto de fazer a elegia do passado, o registro do folclore e dos costumes, acabou por definir uma posição ultra-reacionária que no seu conservadorismo não disfarça a tentativa de recuperação de um tempo historicamente morto. (CHAVES, 1976, p. 33-34)

De fato, como escreve Roberto Reis, a obra de Veríssimo

compartilha de uma série de constantes pinçáveis na literatura dos anos 30. A presença de uma

ordem senhorial masculina e patriarcal, por exemplo, é patente. Em decorrência, a mulher é figura oprimida: Penélope à espera de que os homens regressem da batalha. Estes, envolvidos nas guerras de fronteira ou em lutas intestinas, são os todo-poderosos, com direito a se envolverem com amantes e chinocas. (REIS, 1989, p. 11).

Mas não há como negar que os romances de Veríssimo sempre tiveram um público muito grande, que poderia inclusive se chamar de “fiel”. Como se

poderia entender tal apelo? De acordo com Armando Bacelar, em sua análise dos seis primeiros romances de Veríssimo,

As principais razões do agrado para o grande público dos livros de Veríssimo devemos procurá-las sobretudo no tom pretensamente renovador de algumas das suas obras, no humanitarismo pequeno-burguês de que estão impregnadas, num empenhamento mais superficial que autêntico dos conflitos da realidade. (BACELAR, 1963, p. 543)

E Bacelar prossegue na sua crítica, mencionando inclusive reveladoras palavras de uma conferência autobiográfica proferida por Veríssimo, em que ele afirma que, embora “o ficcionista não tenha soluções a oferecer... não é lícito que ele ignore esses problemas e procure desligar-se deles, uma vez que a vida é matéria prima dos seus romances” (citado em idem, p. 544). E Bacelar conclui que “do autor de tais palavras é lícito esperar, através dos seus escritos, a revelação duma atitude perante a vida, concepções pessoais acerca da condição humana”, e que as concepções que os livros de Veríssimo nos apresentam são “a manifestação de ideologias pequeno-burguesas, da estirpe que informa a



história tradicional do camponês feliz que não tinha camisa, do *Pássaro azul* de Maeterlink, e de certos filmes como *Não o levarás contigo*, realizado pelo Frank Capra dos bons tempos” (Id., p. 544).

Embora reconhecendo o valor da crítica de Bacelar, discordo dela em um ponto: a ideologia de Veríssimo não é bem aquela do camponês feliz que não tinha camisa. Absolutamente! Camponês, talvez, mas sem camisa, não. Mais provavelmente camponês dono de muitas terras e senhor de muitas pessoas, e que espera e obtém tratamento diferenciado em todas as ocasiões. E a indicação disso vem novamente dos seus relatos de viagem, tanto em *Solo de clarineta* como em *Gato preto em campo de neve*.

No livro em que relata a viagem de 1941, encontramos um Érico Veríssimo que vai pela primeira vez aos Estados Unidos, em uma viagem que parece mais uma excursão exclusiva, organizada por uma agência de turismo com pretensões literárias e acesso à alta sociedade americana. Veríssimo nunca conversa com uma pessoa do povo. Suas andanças são resumidas a jantares, encontros com personalidades literárias e políticas e em tímidas incursões nos lugares turísticos mais óbvios, sempre acompanhado de um cicerone. E, como faz na sua referência ao México no início de *Solo de clarineta*, o escritor protesta não conhecer os Estados Unidos, “mesmo depois de três meses de viagem”. Por que então escreve um livro sobre esta viagem, iniciando com o anúncio que não sabe do que está falando? Simplesmente, porque ele está falando/escrevendo para o deleite de brasileiros que não têm condições (a maioria, naquela época) de ir aos Estados Unidos, ou ao México, ou mesmo a outras cidades dentro do

próprio Brasil. Mas ele escreve numa forma de auto-glorificação: “been there, seen that, and you haven’t” (“estive lá, vi tudo, e você não”).

Outro detalhe que interessa na sua literatura de viagem é que Veríssimo não vai simplesmente a algum lugar, mas vai **em estilo**. Um exemplo ocorre quando ele resolve levar a mulher e o filho a uma viagem a Lisboa. Como na primeira viagem de 1941 aos Estados Unidos, agora nessa de 1959 ele novamente vai de navio. É possível compreender sua preferência como a escolha de um método de viagem mais seguro na ocasião. Mas também é possível compreendê-la como mais um ato de reafirmação do seu elitismo pequeno-burguês. Ele diz, “cometi o erro de comprar acomodações de primeira classe — bastante caras — sem saber que a segunda, conforme verifiquei desde o primeiro dia de viagem, oferecia essencialmente o mesmo conforto” (VERÍSSIMO, 1976, p. 65-66). A esta altura, se espera que o leitor lastime a sorte do pobre Veríssimo, que é “enganado” e compra bilhetes de primeira classe. É realmente uma pena. Mas Veríssimo, então, passa a discorrer sobre “a única pessoa interessante” na primeira classe, uma garotinha de seis anos que, ele faz questão de esclarecer, “é filha seródia de Georg Friedrich Murat Rosen, embaixador da República Federal da Alemanha no Uruguai” (Id., p. 66). Se alguém souber, sem ajuda do dicionário, o que quer dizer seródia, parabéns. Eu não sei. Mas sei o que um nome alemão deste tamanho, seguido do título de embaixador significam: alta classe social. E este desfile de nomes e títulos é claramente usado pra mostrar pro pessoal “lá de casa” que ele anda com gente fina.

Mas a lista de nomes e autoridades que Veríssimo frequentou durante sua vida não começa nem termina com embaixadores. A lista é todo um panteão de presidentes, cônsules, consulesas, embaixatrizes e diplomatas dos mais variados matizes. E Veríssimo parece bem feliz, um deles, às vezes acolhido com afeto, cordialidade e sinceridade, outras vezes com reserva, temor, estranhamento, bem do jeito que ele mesmo gostava de classificar as pessoas, sempre com três adjetivos postados num crescendo.

O contraponto do meu título se refere não somente ao fato de Veríssimo ter sido tão influenciado pelo romance *Point CounterPoint*, de Aldous Huxley, que ele traduziu para o português<sup>1</sup>, mas também com o fato de sua carreira ter sido um eterno ponto e contraponto entre este desejo de simplesmente “deitar e rolar com a turma da embaixada e outros dignitários”, e o de escrever literatura. Por sorte, ele conseguiu fazer tudo isto.<sup>2</sup> Seria esta a sua parte pequeno-burguesa a que Bacelar se refere? Impossível assegurar tal coisa sem um detalhado estudo, que ficará para outra ocasião. No momento, é interessante ver como Veríssimo se explica ao relatar suas viagens:

Na minha opinião, existem duas categorias principais de viajantes: os que viajam para fugir e os que viajam para buscar. Considero-me membro deste último grupo, embora em 1943... nauseado pelo ranço fascista de nosso Estado Novo, eu tenha fugido com toda a família do Brasil para os Estados Unidos, onde permanecemos dois anos (Id., p. 64).

Sim, parece que Veríssimo andou toda sua vida, em todas suas viagens, buscando algo: um Brasil lá fora que reproduzisse o Brasil mítico, dos grandes senhores educados, carismáticos e viris, e das senhoras plácidas, bonitas e sinceras pelo qual ele sentia nostalgia e que recriou em sua ficção. Este era, afinal, o Brasil com quem ele tinha escolhido conviver, conhecer, reconhecer, na saúde e na enfermidade, no solo pátrio ou na Grécia, Portugal, ou num navio. Era como se o mundo fosse um eterno *resort* cheio de milionários e meninas interessantes e gente que fala pelo menos três línguas, como crepe suzette e lagosta todos os dias.

E o povo? Ora, outra vez, insisto: que coma bolo. Ou então que sirva de pano de fundo para as aventuras do pessoal que pode mais.

<sup>1</sup> Roberto Reis faz uma interessante observação ao comentar a tradução do livro de Huxley e alinhar Érico Veríssimo com outro escritor importante: “Contrariando a tendência predominante na intelectualidade da época de venerar a cultura francesa, Érico, na esteira machadiana, familiarizou-se com a literatura de língua inglesa e assimilou a arquitetura fragmentária, que iria utilizar a partir de *Caminhos cruzados*.” (REIS, 1989, p. 13)

<sup>2</sup> Tal não foi o caso de, por exemplo, Aluísio Azevedo, um dos maiores escritores do naturalismo brasileiro. Assim que conseguiu um cargo diplomático, em 1895, deixou definitivamente de escrever. Veja a tese de doutorado de Angela Maria Rubel Fanini (2003), que comenta sobre este assunto.

**Referências**

Bacelar, Armando. "Ideologia e realidade em Érico Veríssimo." *Anais do Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária*. Assis (São Paulo): Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1963, p. 543-551.

Chaves, Flávio Loureiro. *Realismo e sociedade*. Porto Alegre: Globo /SEC-RS, 1976.

Fanini, Angela Maria Rubel. *Os romances-folhetins de Aluísio Azevedo: Aventuras periféricas*. Florianópolis: Universidade Federal

de Santa Catarina, 2003.  
[www.dacex.ct.utfpr.edu.br/site\\_angela/.../Tessedoutorado.pdf](http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/site_angela/.../Tessedoutorado.pdf)

Reis, Roberto. "O mapa do mapa – do Mapa — Modernidade em Érico Veríssimo." *Chasqui: Revista de literatura latinoamericana*, 1. (Maio 1989): 10-16.

Veríssimo, Érico. *Gato preto em campo de neve*. (1941) Porto Alegre: Editora Globo, 1961.

\_\_\_\_\_. *Solo de clarineta*. Segundo volume. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.



\* **EVA PAULINO BUENO** é Professora de Espanhol e Português, Literaturas Latino Americanas, Brasileira e Norte Americana.